

CONEXÕES CONTEMPORÂNEAS: ENSINO A DISTÂNCIA E A PERCEPÇÃO DISCENTE DAS OFERTAS REGIONAIS DE TECNOLOGIA

LONDRINA/PR MAIO/2017

ANDERSON TEIXEIRA ROLIM - UNOPAR - anderson.rolim@unopar.br
FABIO LUIZ ZANARDI COLTRO - UNOPAR - fabio.coltro@pitagoras.com.br
BERNADETE LEMA MAZZAFERA - UNOPAR - bernadete.mazzafera@unopar.br
FLÁVIA AUGUSTA CLOCLET DA SILVA - UNOPAR - flavia.cloclet@kroton.com.br
FLÁVIA DA SILVA BORTOLOTTI - UNOPAR - flavia.bortolotti@kroton.com.br
IGOR FERNANDO SANTINI ZANATTA - UNOPAR - igor.zanatta@kroton.com.br
LILIAN GAVIOLI DE JESUS - UNOPAR - lilian.gavioli@unopar.br
MARIA CAROLINA ARAÚJO ANTONIO - UNOPAR - maria.antonio@unopar.com.br
SERGIO APARECIDO NABARRO - UNOPAR - sergio.nabarro@kroton.com.br
VINÍCIUS RINCÃO - UNOPAR - vinicius.pires@kroton.com.br
MARCELO FRANCISCO DE ARAÚJO - UNOPAR - archicao@gmail.com
SANDRA VALÉRIA DALBELLO DE MESQUITA - UNOPAR - sandra.dalbello@ifpr.edu.br

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: DESCRIÇÃO DE PROJETO EM ANDAMENTO

Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

A busca por novos caminhos para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, como um todo, perpassam a Educação. É truismo dizer que a Educação a Distância está transformando os processos de ensino mundo afora. A eliminação das restrições espaciais, em ambientes moldados e utilizados digitalmente, implica numa diversidade de perspectivas, perfis e demandas regionais que caracterizam os alunos dessa modalidade. Nesse sentido, o presente projeto objetiva compreender as relações entre os discentes, as tecnologias educacionais e as suas respectivas demandas regionais. Mais especificamente, busca: identificar demandas regionais com base na relação entre discentes e as tecnologias educacionais; analisar os efeitos da relação entre discentes e tecnologias educacionais a partir das demandas regionais específicas; compreender as relações entre discentes e as tecnologias educacionais; apresentar as dificuldades e oportunidades da relação entre os discentes e as tecnologias educacionais em face das realidades locais. O presente trabalho se configura como uma pesquisa descritiva exploratória qualitativa analítica. Como técnica específica para que se obtenham as informações requeridas será utilizado um questionário eletrônico composto por questões sobre aspectos relacionados ao perfil dos respondentes, a região em que habitam, suas idiossincrasias e demandas específicas relacionadas à tecnologia e o curso de graduação em que estão matriculados. No momento, a pesquisa está em fase de coleta de dados e não tem dados preliminares a apresentar.

Palavras-chave: Ensino a Distância, Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, Demandas tecnológicas

AGRADECIMENTOS

Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular (FUNADESP)

1 Introdução

Conforme dados do *Censo EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2015*, nos mais diversos níveis acadêmicos e áreas do conhecimento, a educação a distância contabiliza mais de cinco milhões de matrículas (ABED, 2016). Se a busca por novos caminhos para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade perpassa a educação, no bojo da integração das tecnologias digitais no cotidiano, a tônica da contemporaneidade, a Educação a Distância se configura como um desses caminhos (BELLONI, 2002). Todavia, diferentemente do que se observa nos países desenvolvidos, nos quais a integração das tecnologias digitais reflete a estabilidade econômica, no Brasil, verifica-se que a proporção de domicílios desconectados, sem acesso à internet, ainda é bastante alta, 32,8 milhões, frente aos 34,1 milhões de casas que possuem acesso à rede mundial de computadores (CETIC, 2016). Nesse contexto de instabilidades e incertezas, conforme nos adverte Lipovetsky (2009), conhecer as diferentes realidades e demandas dos discentes de uma instituição de ensino superior é fundamental para o desenvolvimento de proposições acadêmicas que contemplem a realidade desses alunos. Destarte, conhecer a realidade do discente e seu relacionamento com os mecanismos tecnológicos de ensino, presentes na sua localidade, faz surgir possibilidades adaptativas para a melhor formação pessoal e permite compreender as diferenças e vocações das diversas regiões atendidas pelas instituições de ensino superior brasileiro. Martín Luengo (1993, p.15) aponta que "Sabemos que os valores que hoje dominam na sociedade são: progresso, eficácia, desenvolvimento, dinheiro, ordem, democracia, tecnologia especializada e um amplo etcétera, que garantem que mude tudo, para que continue a mesma coisa". Para a autora, o sistema e as educações conservadoras fragilizam a pessoa desde as características mais fundamentais. Com isso, acabam por formar pessoas frustradas que são condenadas a não poder lutar para conseguir sua emancipação, e por isso mesmo, vulneráveis, submissas, inadaptadas, individualistas, sem emoções e facilmente manipuláveis (MARTÍN LUENGO, 1993). Parte-se do princípio, então, de que não há educação imparcial e todo projeto pedagógico responsável deve articular-se sobre uma escala de valores que lhe deem coerência e que se refletem, não só em grandes declarações de princípios, como também na vida cotidiana. (MELLA, 1979).

As mudanças constantes perpetradas pela introdução de novas tecnologias digitais no modo de vida da atualidade suscitam a discussão e a reavaliação dos processos de ensino mediados por dispositivos digitais, a fim de conferir a eles a humanização e a liberdade necessária ao desenvolvimento crítico das pessoas. Para Martín Luengo:

"[...] o que devemos fazer se desejamos educar para uma sociedade mais humanizada,

solidária e livre é estar sempre dispostos à mudança constante, conseguindo manter ao máximo a consecução destes objetivos, mesmo que as formas de viver e conviver com as gerações que nos precedem sejam às vezes muito diversas e diferentes das que têm sido necessárias com precedência e que possivelmente serão, desta maneira, distintas das que virão" (MARTÍN LUENGO, 1993, p. 58).

Disposição à mudança constante é o ato revolucionário que caracteriza a espécie humana. Revolução é o ato de revolver-se. Parte, desse modo, do sentido contrastante entre inércia e movimento. Além disso, na astronomia, encerra a ideia de rotação e órbita, revelando o imperativo das relações entre elementos diversos. Além das questões que orbitam o acesso à formação superior em localidades mais distantes, o aspecto da elegibilidade da educação a distância atrai até mesmo estudantes adultos que enxergam nessa modalidade a chance de capacitação e aprimoramento profissional (LEMOS, 2002). Como se apresenta, esse cenário é resultado da crescente demanda competências profissionais que moldam os critérios para a empregabilidade (DZIEKANIAK, ROVER, 2011). A partir do panorama que se descortina, este estudo tem como objetivo tecer reflexões, com base na revisão de literatura, sobre o papel da educação a distância mediada por tecnologia digital no processo de inclusão social.

2 Inclusão digital, inclusão social?

Para Warschauer (2006, p. 282) "o desafio político global não é superar a exclusão social, mas expandir o acesso e o uso da TIC para promover a inclusão social". Para o autor, a primeira questão a ser investigada com vias a atingir esse objetivo é a das estruturas sociais, "dos problemas sociais, da organização social e das relações sociais, e não com a contabilidade do equipamento de informática e das linhas de acesso à internet" (WARSCHAUER, 2006, p. 282-283). Referindo-se ao trabalho de Corea, o autor afirma que não basta impingir ao outro a tecnologia, noutro sentido, identificados os objetivos sociais, programas para a inclusão digital devem fomentar comportamentos motivadores ao uso das tecnologias. Nesse caso, contar computadores e redes de internet seria "[...] parte de uma iniciativa mais ampla de melhor entender o processo de uso da tecnologia e o papel da TIC no desenvolvimento humano e social" (WARSCHAUER, 2006, p. 289).

Há certo consenso de que as tecnologias instigam o aprendizado através da hipertextualização da leitura, do acesso rápido a conteúdos multimidiáticos e pela capacidade interativa que proporcionam. Pierre Lévy (1993) diz que "Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. [...] Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados

por uma informática cada vez mais avançada" (LÉVY, 1993, p.4). Por sua vez, José Manuel Moran (2000) ressalta as possibilidades que as redes digitais representam para o processo de ensino, sinalizando a dinamização das aulas, através da pesquisa e da interação. Desse modo, a tecnologia deve estabelecer uma "mediação facilitadora do processo de ensinar e aprender participativamente" (MORAN, 2000, p. 56). Na educação a distância o uso de tecnologias digitais é essencial. "[...] o sujeito da EAD (professor, tutor, aluno e gestor) deve possuir competências relacionadas ao domínio tecnológico" (MACHADO, LONGHI, BEHAR, 2013, p.56). Nesse sentido, as autoras elencam uma série de competências necessárias ao domínio tecnológico, presentes na modalidade de educação presencial, semipresencial ou totalmente a distância:

[...] letramento digital, que se refere à criticidade da informação e ao uso das tecnologias digitais; cooperação potencializada pela interação social que ocorre, principalmente, em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA); presença social no modo como o sujeito da EAD se percebe imerso na virtualidade; autonomia na tomada de decisões; organização do espaço e tempo; e comunicação ou modos de se expressar por meio das tecnologias. (MACHADO, LONGHI, BEHAR, 2013, p.57)

Dessa maneira, as tecnologias de informação e comunicação presentes na sociedade, cada vez mais conectada, possuem potencial para criar e alavancar uma aprendizagem significativa (TAROUCO, 2013). Entretanto, para que isso seja possível torna-se essencial que alunos e professores possuam domínio tecnológico (MACHADO, LONGHI, BEHAR, 2013). Conforme o Censo da Educação Superior de 2010, do total de matrículas nos cursos de graduação no Brasil, 14,6% eram matrículas em cursos a distância. Um dado relevante desta pesquisa é o indicador de que a faixa etária dos alunos de cursos de Educação a Distância é consideravelmente maior do que a dos alunos de cursos presenciais. A faixa etária presente na modalidade a distância também difere do ensino presencial. Enquanto que em cursos presenciais a média de idade é de 26 anos, nos cursos a distância ela é 33 anos. Isso deixa evidente que a Educação a Distância se tornou uma oportunidade mais evidente do que os cursos presenciais (MEC/Inep, 2011).

Do mesmo modo, a Educação a Distância tem sido entendida como uma oportunidade para a melhoria dos indicadores de escolarização, brasileira e global, de modo a dar resposta às direções apontadas pelos órgãos supranacionais ligados a educação. De acordo com Bramé e Spirandelli (2010), "

O crescimento da EAD tem um aparato de regulação fruto do próprio desenvolvimento econômico e social. A expressiva demanda de professores no Brasil, sem contar as

orientações dadas pela UNESCO, BIRD, FMI, Banco Mundial etc. são tendências adotadas por vários países, mas tais orientações denotam também a preocupação dos governos em nivelar-se aos parâmetros ditados por esses organismos (BRAMÉ, SPIRANDELLI, 2010, p.1507).

No intuito de responder aos dispositivos internacionais de melhoria e ampliação dos indicadores de ensino, a tecnologia surge como qualquer tipo de panaceia, capaz de suprir boa parte das obrigações impostas aos administradores públicos, nos mais diversos contextos. Essa configuração implica numa dependência cada vez maior dos dispositivos tecnológicos que, paradoxalmente, dão maior liberdade ao aluno. De acordo com Arieria et al.,

[...] verifica-se que o processo educacional é pressionado a utilizar as ferramentas tecnológicas com instrumentos de ensino, além de assumir a incumbência de preparar as pessoas para utilizar-se desses instrumentos, reforçando ainda mais o ciclo de pressão. Esse ciclo torna as pessoas e a escola ainda mais dependentes da tecnologia e de seus benefícios e malefícios, pois nenhum tipo de ação ou descoberta humana é funcionalmente neutra, já que sua utilização é que define seus méritos (ARIERIA et al., 2009, p. 320)

Se a neutralidade das tecnologias da informação e comunicação é questionada, ainda que permita maior interatividade e, portanto, vozes dissonantes, é importante ter em consideração que essa característica se estende aos modelos anteriores de EaD. A educação a distância, na atualidade, se caracteriza, mormente, pelos seguintes aspectos: (1) Flexibilidade: o acesso remoto a cursos de educação a distância ajuda os estudantes a estudar a partir de sua própria zona de conforto, sem deslocamentos significativos. Mais do que a flexibilidade, a aprendizagem a distância proporciona a independência dos alunos, em termos de permitir que eles se concentrem mais na aquisição de conhecimentos e competências. (2) Qualidade e atualização dos recursos *on-line*: acesso imediato a recursos de qualidade são aspectos importantes da aprendizagem em educação a distância. Do mesmo modo, o ambiente *on-line* serve como uma interface interacional para os alunos compartilharem conhecimentos, entre eles mesmos, e também com professores e especialistas (BELLONI, 2002).

O uso das TIC está cada vez mais implicado no que significa estar social, econômico, cultural e politicamente envolvido na sociedade do século XXI e, para os universitários, estar enredado no ensino superior do século XXI. As convergências entre novas plataformas de mídia, como a televisão digital, a telefonia móvel, as tecnologias de jogos e outros dispositivos portáteis, levaram a uma multimodalidade de acesso à tecnologia,

ilustrada pelo recente desenvolvimento dos *smartphones*.

Noutra mão, ser capaz de usar essas configurações de TIC depende de uma variedade de competências e letramento que ultrapassam o letramento tecnológico básico de ser capaz de operar ferramentas comuns de TIC de forma eficaz. Esta visão muito mais ampla dos multiletramentos vê indivíduos que exigem a linguagem, o número e as habilidades técnicas que lhes dão acesso ao mundo digital em evolução, juntamente com um conjunto de habilidades criativas, críticas e de compreensão para se engajar produtivamente no uso da tecnologia em suas vidas.

3 Os fins e os meios

Destarte, é preciso destacar que a utilização da tecnologia digital não é algo novo nos países economicamente desenvolvidos. Contudo, o uso de tecnologias digitais como um meio de formação profissional é uma realidade ainda jovem em muitos países em desenvolvimento (FUCK, VILHA, 2011). Nos termos em que se apresenta, a educação básica tradicional estava pautada no aprendizado rotineiro e nos métodos de avaliação baseados na memorização, resultando em menos criatividade e individualidade entre os alunos em um modelo de ensino centrado no professor (HAZOFF JUNIOR, SAUAIA, 2008).

Se, por um lado, o problema com os modelos tradicionais é que eles podem ajudar os alunos a alcançar apenas uma parte da educação que eles precisam em uma sociedade informacional, por outro lado, a principal missão das instituições de ensino superior é educar os alunos para a idade da revolução das tecnologias da informação. Hoje, os alunos têm de desenvolver as competências que necessitam para viver, aprender e trabalhar com sucesso numa sociedade em rápida mutação (KONRATH, TAROUCO, BEHAR, 2009).

Em 1964, Marshall McLuhan cunhou a famosa frase: “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 2007, p.21). Essa afirmação, sugerindo que os meios às vezes é o fim, poderia muito bem ser aplicada à tecnologia e seu impacto no ensino superior. Como agente de imensa mudança, a tecnologia digital preconizou a atual economia do conhecimento e deu origem a uma geração de estudantes que nunca conheceram a vida sem um computador. Estas mudanças terão um efeito significativo no ensino superior. Ao longo da próxima década, as tecnologias digitais colocarão a educação ao alcance de muitos mais indivíduos ao redor do mundo, e espera-se que permitam uma maior especialização em currículo, para os alunos, e metodologias de ensino inovadoras, para os professores (LÉVY, 1999).

4 Considerações preliminares à coleta de dados

Frente ao cenário que se descortina, espera-se que, uma vez realizada, a coleta de dados aponte para as necessidades e oportunidades da educação a distância, de acordo com a perspectiva dos alunos que nela se engendram.

A implementação da educação a distância e suas redes telemáticas, unidades de apoio presencial, ambientes virtuais de aprendizagem, sistemas de comunicação etc., não foge dessa disparidade que caracteriza as diversas regiões brasileiras. É na intersecção entre as ofertas regionais de tecnologia, de dispositivos e de acesso *on-line*, e as demandas da formação profissional local que residem as oportunidades de empregabilidade e desenvolvimento econômico que os alunos da educação a distância procuram.

Portanto, em face da realidade tecnológica que molda a educação a distância e os múltiplos contextos em que vivem seus alunos no Brasil, as pesquisas que avaliam as questões estruturais, metodológicas e ideológicas que caracterizam os cursos *on-line* são fundamentais para a compreensão e o planejamento adequado de proposições acadêmicas capazes de dar vazão às demandas educacionais e profissionais do país. Ao mesmo tempo, dependente dos aparatos técnicos que a formatam, a educação a distância reitera a ampla dimensão da integração das tecnologias digitais no cotidiano, indicando o longo caminho ainda a ser percorrido na promoção da humanização dos processos digitais de ensino.

Referências

Brasil 2015. Curitiba: InterSaberes, 2016. Disponível em: www.abed.org.br/site/pt/midiateca/censo_ead/ Acesso em 13 de março de 2017.

ARIEIRA, Jailson de Oliveira et al. Avaliação do aprendizado via educação a distância: a visão dos discentes. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. 2009, vol.17, n.63, pp. 313-340. ISSN 0104-4036. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ensaio/v17n63/v17n63a07.pdf Acesso em 13 de março de 2017.

BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. In: Educação & Sociedade, n. 78, ano XXIII, p. 117-142, abr. 2002. Acesso em: 15 nov. 2016. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a08v2378.pdf Acesso em 13 de março de 2017.

BRAMÉ, M. L.; SPIRANDELLI, C. O crescimento da Educação à Distância: uma

discussão sobre seu caráter ideológico. Anais: VIII – Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, Londrina: UEL, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepe/sumarios/temas>. Acesso em: 17 de março de 2017.

CETIC. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2015. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: <http://cetic.br/pesquisa/domicilios>. Acesso em 05 de março de 2016.

DZIEKANIAK, Gisele; ROVER, Aires. Sociedade do conhecimento: características, demandas e requisitos. DataGramZero – Revista de Ciência da Informação, Brasília, v. 12, , n. 5, out. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/view/14246> Acesso em 15 de março de 2017.

FUCK, M. P.; VILHA, A. M. Inovação Tecnológica: da definição à ação. Revista Contemporâneos, n. 9, p. 1-21, nov. 2011. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n9/dossie/inovacao-tecnologica.pdf> Acesso em 05 de março de 2017.

HAZOFF JUNIOR, W; SAUAIA, A. C. A. Aprendizagem centrada no participante ou no professor? Um estudo comparativo em Administração de Materiais. Revista Administração Contemporânea. Curitiba, v. 12, n. 3, p. 631-658, Jul./Set. 2008. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rac/v12n3/03.pdf Acesso em 05 de março de 2017.

KONRATH, Mary Lucia Pedroso; TAROUCO, L.M.R.; BEHAR, Patricia. Competências: desafios para alunos, tutores e professores da EaD. RENOTE Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 7, p. 1-10, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13912> Acesso em 13 de março de 2017.

LEMOS, André. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 3. ed., 2002.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Maura Corcini. Norma, inclusão e governamentalidade neoliberal. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGANETO, Alfredo (Org.). Foucault: filosofia & política. Belo

Horizonte: Autêntica, 2011.

LUSA. População em Portugal voltou a cair em 2014. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-10-30-Populacao-em-Portugal-voltou-a-cair-em-2014> Acesso em 10 jan. 2016.

MARTÍN LUENGO, Josefa. La escuela de la anarquía. Ediciones Madre Tierra, Madrid, 1993.

MACHADO, Leticia Rocha; LONGHI, Magali Teresinha; BEHAR, Patricia Alejandra. Domínio tecnológico: saberes e fazeres na educação a distância. In: BEHAR, Patricia Alejandra (org) Competências em educação a distância. Porto Alegre: Penso, 2013. P.56-80

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEC/Inep. Censo da Educação Superior 2010. Brasília, outubro de 2011. Disponível em: <https://inep.gov.br/censo-da-educacao-superior> Acesso em 25 de março de 2017.

MELLA, Ricardo. O problema do ensino. Educação libertária. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MORAN, J. M. Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil. In.: MORAN, J.M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 15 ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

SILVA, A. et al. Modelos utilizados pela educação a distância: uma síntese centrada nas instituições de ensino superior brasileiras. Revista Gual, Florianópolis, v. 4, n. 3, p.153-169, set/dez. 2011.

TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach. Um panorama da fluência digital na sociedade da informação. In: BEHAR, Patricia Alejandra (org) Competências em educação a distância. Porto Alegre: Penso, 2013.

WARSCHAUER, M. Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.